

DOI: 10.20911/21799024v16n1p88/2025

Cosmovisão Iorubana no Candomblé Nagô

Yoruba cosmovision in Nagô Candomblé

Thalisson Bomfim¹

Resumo: Este artigo tem como finalidade compreender uma parte da rica cosmologia iorubana e sua manifestação no Candomblé Nagô no Brasil. A nação iorubana foi uma das principais etnias africanas a se dispersar forçosamente na diáspora com o tráfico negreiro. Com essa dispersão pelo mundo, principalmente na América Latina, a cultura iorubana, incluindo sua complexa visão de mundo e sistema de crenças, passou por diversas adaptações devido ao seu contexto social e geográfico, dando origem à religião do Candomblé, uma religião nascida no Brasil com raízes no continente africano. A cultura iorubana é transmitida principalmente através do ensinamento oral, valorizando o papel dos griôs – a palavra griô é derivada do francês, mas é uma adaptação de um termo existente em diversas nações da África Ocidental que significa guardião da cultura, da história, dos saberes e da tradição oral – dentro da comunidade. Por essa razão, os mitos podem apresentar variações, mas seu núcleo essencial permanece, como o mito da criação do mundo, que em algumas narrativas não menciona a figura da galinha de cinco dedos. Para compreender a nação iorubana e grande parte da África Ocidental, os estudiosos precisam retornar à essa mitologia.

Palavras-chave: Mitologia iorubana. Candomblé nagô. Cosmovisão do candomblé nagô.

¹ Graduando em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. É licenciado em História pelo Centro Universitário Jorge Amado (2012-2016). E-mail: thalissonbomfim@gmail.com.

Abstract: This article aims to understand part of the rich Yoruba cosmology and its manifestation in Nagô Candomblé in Brazil. The Yoruba nation was one of the main African ethnic groups that was forcibly dispersed in the diaspora due to the slave trade. With this dispersion throughout the world, mainly in Latin America, the Yoruba culture, including its complex worldview and belief system, underwent several adaptations due to its social and geographic context, giving rise to the Candomblé religion, a religion born in Brazil with roots in the African continent. Yoruba culture is transmitted mainly through oral teaching, valuing the role of griots within the community. For this reason, the myths may present variations, but their essential core remains, such as the myth of the creation of the world, which in some narratives does not mention the figure of the five-fingered chicken. To understand the Yoruba nation and much of West Africa, scholars need to return to this mythology.

Keywords: Yoruba mythology. Nagô Candomblé. Nagô Candomblé worldview.

Introdução

É impossível falar de uma única cosmologia candomblecista, dada a pluralidade da religião e suas diversas influências. Neste artigo, abordaremos o Candomblé Nagô, praticado pelos descendentes dos iorubanos que chegaram ao Brasil forçosamente durante o período da escravização da população africana. Como mencionado anteriormente, o Candomblé possui diversas nações – Angola, Nagô, Ebá, Jejê, Mina, entre outras – e cada uma reflete a influência de diferentes tradições religiosas e culturais africanas. Consequentemente, nem todas as nações cultuam as mesmas entidades, e há variações significativas no culto de uma divindade para outra. Essas entidades – Nkisis (nação Angola), Orixás (nação Nagô), Voduns (nações Jeje e Mina) – são cultuadas como manifestações e forças da natureza.

Em decorrência do processo de imperialismo, o continente africano foi artificialmente dividido em países, sem considerar as fronteiras étnico-culturais dos povos que ali viviam. O povo iorubá, hoje, está situado principalmente em três países da África Ocidental: Nigéria, Benim e Togo. A cultura iorubana é forte e majoritária na África Ocidental e exerceu, e continua a exercer, uma poderosa influência na cultura e religiosidade da população negra no Brasil. Essa influência é particularmente marcante na Bahia, manifestando-se na música, na culinária, na religião e na língua.

1. A oralidade dentro da Cosmovisão Nagô

A cosmologia iorubana é um rico sistema de crenças e explicações sobre a origem do mundo e do ser humano, fortemente marcada pelos ensinamentos orais. A oralidade é um elemento chave para a compreensão da cultura desse

povo, que possui um vasto legado de crenças e histórias transmitidas verbalmente. Longe de ser apenas um conjunto de mitos, essa cosmologia constitui um sistema filosófico complexo que influencia todos os aspectos da vida iorubá, permeando a organização social e as práticas culturais, como mencionado anteriormente.

No exercício de transmitir a história e legado iorubá, através da oralidade, os contos traduzem a cultura de um povo, rico de crenças e de predados bem particulares. Tais atributos são características de uma população religiosa, na perspectiva da religião como um atributo constitutivo da percepção de mundo do indivíduo, que toma a palavra como sagrada e se pauta no poder do divino, da criação, para compreender suas trajetórias de vida, e construção de valores por meio da difusão do conhecimento pela via oral. (Santos Filho e Alves, 2020, p. 4).

Devido à sua natureza oral e à ausência de registros escritos primários, alguns aspectos da cosmologia iorubana podem apresentar variações regionais. É notório o valor da oralidade nessa cultura, pois ela preserva a memória dos antepassados de geração em geração através da tradição verbal. Os mitos e crenças não serviam apenas como fundamento cosmológico, mas também como um meio para entender e explicar os diversos aspectos da vida social, econômica, religiosa e política. como diz Oliva:

Com referência à criação da humanidade e do mundo, os mitos de origem, perdidos em um passado imemoriável, foram, durante séculos, repetidos e recontados, servindo não só de fundamento cosmológico, mas também como mecanismo de entendimento da estrutura de funcionamento da vida em seus mais diversos aspectos – o natural, o econômico, o político e o social. Além disso, por muito tempo, as explicações da tradição oral foram os principais referenciais de conhecimento sobre suas próprias trajetórias no tempo e no espaço. (OLIVA, 2005, p. 8).

A cosmologia iorubana permanece viva e pulsante tanto na região onde se compreendia a nação iorubá no continente africano, através das religiões tradicionais da África, quanto nas religiões que surgiram após a diáspora, como o Candomblé (principalmente o de nação Nagô), a Umbanda e outras religiões presentes na América, a exemplo da Santeria em Cuba e do Vodun no Haiti (HORTEGAS, 2020, p 143).

2. Cosmovisão do Candomblé Nagô

Essas religiões diaspóricas, em especial o Candomblé, passaram por um penoso processo de demonização e apagamento durante o período escravocrata. No entanto, um povo que resistiu ao navio negreiro e preservou seu legado através da oralidade não se submeteu à desumanização causada pela escravidão. Esses povos reinventaram suas crenças e readaptaram seus cultos, sua fé e práticas religiosas, pois sua história estava gravada no Orí (cabeça), lugar onde seus opressores não podiam entrar. É verdade que ocultaram suas práti-

cas religiosas, mas o sincretismo não foi apenas uma ocultação, mas um ato de agência cultural; os Orixás foram sincretizados com santos católicos para que pudessem continuar a exercer e preservar sua fé, mantendo a essência de seus ritos e crenças (IWASHITA; MARTINS, 2017).

Oxalá passou a ser associado a Jesus Cristo e, em Salvador, ao Senhor do Bonfim (imagem de Jesus crucificado), sendo representado pelo elemento ar. Xangô foi sincretizado com São João, São Jerônimo ou São Pedro, representando o fogo e o trovão. Ogum corresponde a Santo Antônio na Bahia e a São Jorge no Rio de Janeiro, sendo representado pelos metais. Iansã foi associada a Santa Bárbara, representando o raio e o vento. Obaluaiê/Omolu sincretizou-se com São Roque e São Lázaro, representando a terra. Nanã corresponde a Santa Ana, representada pela lama, barro e pântano. Os Erês/Ibejis foram associados a São Cosme e Damião, representando a energia infantil (FERREIRA; GONÇALVES, 2020) e (PRANDI, [s.d.]). Ao associarem cada um desses Orixás a santos católicos, os africanos observavam as qualidades que a Igreja atribuía aos santos. Não se tratava de uma simples substituição de crenças, mas de uma maneira eficaz de manter viva a essência dos Orixás sob uma reformulação que a Igreja e os senhores de escravizados tolerariam (PARIZI, 2020).

Todavia, mesmo com o processo de escravização e sincretismo, a cosmologia iorubana permanece viva e preservada na cultura brasileira através das religiões afro-diaspóricas. Isso demonstra a eficácia da oralidade, que permite que esses ensinamentos milenares cheguem até os dias atuais e possibilite aos pesquisadores realizar investigações sobre essa cosmologia ancestral.

Com o objetivo de filtrar essas interpenetrações – entre mito e história – ou de esclarecê-las, pesquisadores têm procurado encontrar informações cada vez mais detalhadas e dados mais precisos acerca das origens desse povo. Mais do que isso, nos últimos anos, a própria identidade iorubá foi revisitada e o momento de sua construção ou de sua afirmação, em padrões contemporâneos, foi localizado no mesmo período no qual se intensificaram os contatos entre a Europa e a África em tempos recentes. A busca pelo entendimento de sua história requer, assim, um esforço duplo, desde a leitura da rica mitologia iorubá à iniciativa contínua dos estudos marcados pelos vieses histórico, antropológico, linguístico e arqueológico. (OLIVA, 2005, p. 8).

O Candomblé é a materialização da cosmologia iorubana, assim como as demais religiões afro-diaspóricas. Os Orixás, manifestações dos poderes e elementos da natureza, são os intermediários, a ligação entre o Orun (céu) e o Àiyé (terra/mundo). Esse culto aos Orixás acontece através das oferendas, rituais – que envolvem dança, música, comida e bebida – e consulta ao oráculo Ifá (jogo dos búzios), adaptados por conta do contexto social e geográfico. Um desses cultos são as Águas de Oxalá, que passou por um processo de sincretismo e adaptação por conta do contexto. Embora não se saiba ao certo o início e a origem desse ritual, dentro da mitologia iorubana, uma versão coerente da história narra que Oxalá foi manchado três vezes por óleo de palma (azeite de dendê), e por isso seu filho Xangô ordena que seus súditos lavem seu pai.

Um dia Oxalufã, que vivia com seu filho Oxaguiã, velho e curvado por sua idade avançada, resolveu viajar a Oió em visita a Xangô, seu outro filho. Foi consultar um babalaô para saber acerca do passeio. O adivinho recomendou-lhe não seguir viagem, pois a jornada seria desastrosa e poderia acabar muito mal. Mesmo assim, Oxalufã, por teimosia, resolveu não renunciar à sua intenção. O adivinho aconselhou-o então a levar consigo três panos brancos, limo da costa e sabão da costa. E disse a Oxalá ser imperativo tudo aceitar com calma e fazer tudo o que lhe pedissem ao longo da estrada. Com tal postura talvez pudesse não perder a vida no caminho.

Em sua caminhada, Oxalufã encontrou Exu três vezes. Três vezes Exu solicitou ajuda ao velho rei para carregar seu fardo pesadíssimo de dendê, cola e carvão, o qual Exu acabou, nas três vezes, derrubando em cima de Oxalufã. [...]

Finalmente chegou Oxalá à cidade de Oió. Na entrada viu um cavalo perdido, que ele reconheceu como o cavalo que havia presenteado a Xangô. Tentou amansar o animal para amarrá-lo e devolvê-lo ao amigo. Mas nesse momento chegaram alguns soldados do rei à procura do animal perdido. Viram Oxalufã com o cavalo e pensaram tratar-se do ladrão do animal. Maltrataram e prenderam Oxalufã.

Sempre calado, o orixá deixou-se levar prisioneiro. Magoado e desgostoso foi arrastado ao cárcere sem comiseração. O tempo passou e Oxalufã continuava preso e sem direito de defesa. Humilhado, decidiu que aquele povo presunçoso e injusto merecia uma lição. E o velho orixá usou de seus poderes e vingou-se de Oió. Assim, Oió viveu por longos sete anos a mais profunda seca. As mulheres e os campos tornaram-se estéreis e muitas doenças incuráveis assolaram o reino.

O rei Xangô, em desespero, consultou o babalaô da corte e soube que um velho sofria injustamente como prisioneiro, pagando por um crime que não cometera. Disse-lhe também que o velho nunca havia reclamado, mas que sua vingança tinha sido a mais terrível. Xangô correu imediatamente para a prisão.

Para seu espanto, o velho aprisionado era Oxalufã.

Xangô ordenou que trouxessem água do rio para lavar o rei, água limpa e fresca das fontes para banhar o velho orixá. Que lavassem seu corpo e o untassem com limo da costa. Que providenciassem os panos mais alvos para envolvê-lo. O rei de Oió mandou seus súditos vestirem-se de branco também. E determinou que todos permanecessem em silêncio. Pois era preciso, respeitosamente, pedir perdão a Oxalufã. Xangô vestiu-se também de branco e nas suas costas carregou o velho rei. E o levou para as festas em sua homenagem e todo o povo saudava Oxalá e todo o povo saudava Airá, o Xangô Branco. [...] (PRANDI, 2001).

Por não conseguirem realizar o rito dentro do terreiro, durante a festa do Bonfim na Península de Itapagipe – região de veraneio no século XIX, considerada fora dos muros da cidade de Salvador – os escravizados candomblecistas iam lavar a igreja três dias antes da festa para que os senhores participassem. Ao carregarem os baldes d'água, eles referenciavam as Águas de Oxalá.

Na tradição do Candomblé, a criação do mundo envolveu a dispersão de terra sobre as águas com a ajuda de uma galinha com pés de cinco dedos. Diferentemente da cosmologia cristã, onde a Trindade é tida como perfeita e não

produz erro, na cosmologia iorubana o filho do Ser Criador comete erros e falhas na execução da criação do mundo, assemelhando-se aos seres humanos, aos seres não divinos. Na narrativa, vemos o Orixá criador Òrìṣàńlá (uma qualidade do Orixá Oxalá, assim como Obatalá, Oxalufã e Oxaguiã) executando a vontade e o desejo de seu pai, evidenciando a relação entre o Orun, o Àiyé e a humanidade.

[...] Olorum-Olodumare encarregou Obatalá, o Senhor do Pano Branco, de criar o mundo. Deu-lhe poderes para isso. Obatalá foi consultar Orunmilá, que lhe recomendou fazer oferendas para ter sucesso na missão. Mas Obatalá não levou a sério as prescrições de Orunmilá, pois acreditava somente em seus próprios poderes. Odudua observava tudo atentamente e naquele dia também consultou Orunmilá. Orunmilá assegurou a Odudua que, se ele oferecesse os sacrifícios prescritos, seria o chefe do mundo que estava para ser criado. A oferenda consistia em quatrocentas mil correntes, uma galinha com pés de cinco dedos, um pombo e um camaleão, além de quatrocentos mil búzios. Odudua fez as oferendas.

Chegado o dia da criação do mundo, Obatalá se pôs a caminho até a fronteira do além, onde Exu é o guardião. Obatalá não fez as oferendas nesse lugar, como estava prescrito. Exu ficou muito magoado com a insolência e usou seus poderes para se vingar de Oxalá. Então uma grande sede começou a atormentar Obatalá. Obatalá aproximou-se de uma palmeira e tocou seu tronco com seu comprido bastão. Da palmeira jorrou vinho em abundância e Obatalá bebeu do vinho até embriagar-se. Ficou completamente bêbado e adormeceu na estrada, à sombra da palmeira de dendê. Ninguém ousaria despertar Obatalá. Odudua tudo acompanhava. Quando certificou-se do sono de Oxalá, Odudua apanhou o saco da criação que fora dado a Obatalá por Olorum. Odudua foi a Olodumare e lhe contou o ocorrido. Olodumare viu o saco da criação em poder de Odudua e confiou a ele a criação do mundo. Com as quatrocentas mil correntes Odudua fez uma só e por ela desceu até a superfície de *ocum*, o mar. Sobre as águas sem fim, abriu o saco da criação e deixou cair um montículo de terra. Soltou a galinha de cinco dedos e ela voou sobre o montículo, pondo-se a ciscá-lo. A galinha espalhou a terra na superfície da água. Odudua exclamou na sua língua: "Ilè nfé!", que é o mesmo que dizer "A Terra se expande!", frase que depois deu nome à cidade de Ifé, cidade que está exatamente no lugar onde Odudua fez o mundo.

Em seguida Odudua apanhou o camaleão e fez com que ele caminhasse naquela superfície, demonstrando assim a firmeza do lugar. Obatalá continuava adormecido. Odudua partiu para a Terra para ser seu dono. [...]. (PRANDI, 2001).

Obatalá, por sua autosuficiência, não conseguiu cumprir a vontade de seu pai, Olodumare. No entanto, seu pai não o castiga, mas o encarrega de uma nova missão: modelar, a partir do barro, o ser humano, dando forma física à humanidade. Nessa tarefa, Obatalá usa sua criatividade na modelagem e cria a diversidade humana, com toda a perfeição e imperfeição que há no gênero humano. Inclusive, as deficiências físicas são atribuídas a esse trabalho desenvolvido por Obatalá, segundo a mitologia iorubana.

[...] Então, Obatalá despertou e tomou conhecimento do ocorrido. Voltou a Olodumare contando sua história. Olodumare disse:

“O mundo já está criado. Perdeste uma grande oportunidade”. Para castigá-lo, Olodumare proibiu Obatalá de beber vinho de palma para sempre, ele e todos os seus descendentes. Mas a missão não estava ainda completa e Olodumare deu outra dádiva a Obatalá: a criação de todos os seres vivos que habitariam a Terra. E assim Obatalá criou todos os seres vivos e criou o homem e criou a mulher. Obatalá modelou em barro os seres humanos e o sopro de Olodumare os animou. O mundo agora se completara. E todos louvaram Obatalá. (PRANDI, 2001).

Portanto, A cosmologia iorubana influencia diretamente na moral e nos valores da comunidade religiosa, pois para haver axé/candomblé é necessário ter conexão com os elementos da natureza; é preciso ter boas ações e coração limpo, pois as próprias entidades cobram dos seus pelos seus maus desejos e intenções. Todas as entidades pregam o bem e o respeito; não é possível ter axé sem um ambiente harmonioso e tranquilo.

Conclusão

Em suma, a cosmologia iorubana presente no Candomblé está intrinsecamente ligada à tradição oral. Apesar das muitas pesquisas que têm surgido no campo da cosmologia iorubana, a tradição do Candomblé é essencialmente oral. O empoderamento negro começa a questionar a necessidade de ainda hoje os Orixás estarem associados aos santos católicos, pois não há mais a necessidade de se esconder atrás da religião cristã. O Candomblé e as demais religiões afro-diaspóricas permanecem sendo as guardiãs do legado nagô no Brasil. Para conhecer a cultura negra-nagô, é necessário entrar no mundo das religiões afro-diaspóricas.

Referências

FERREIRA, Miriam de Fátima; GONÇALVES, José Henrique Rollo. *A cosmologia do Candomblé*. [SI]: [sn], [2020]. Disponível em: <chrome-extension://efaidnb-mnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2547-8.pdf> Acessado em 28 de abril de 2025.

HORTEGAS, Mônica Giraldo. *Religiões Afrodiaspóricas na América Latina*. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 23, n.2, jul./dez. 2020, p. 138-146. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/30447/22001> Acessado em 19 de maio de 2025.

IWASHITA, Pedro K; MARTINS, Alan Christian Pedroso. *Sincretismo: Uma relação entre o catolicismo e as religiões afro-brasileiras*. Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 11, n. 20, jul/dez, 2017, p. 38-54. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/35990/24779> Acessado em 19 de maio de 2025.

OLIVA, Anderson Ribeiro. *A invenção dos iorubás na África Ocidental: reflexões e apontamentos acerca do papel da tradição oral na construção da identidade étnica*. In Estudos Afro-Asiáticos, v.27, p.141 - 180, 2005 Disponível em chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/6223/1/ARTIGO_Inven%c3%a7%c3%a3oIorub%c3%a1s%c3%81frica.pdf Acessado em 28 de abril de 2025.

PANIKKAR, Raimon. *Obras completas – Tomo II: Religión y religiones*. Barcelona: Herder Editorial, 2016.

PARIZI, Vicente Galvão. *O livro dos Orixás: África e Brasil*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.institutobuzios.org.br/wp-content/uploads/2021/01/Vicente-Parizi_O-Livro-dos-Orixas.pdf Acessado em 28 de abril de 2025.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-77012001000200015> Acessado em 28 de abril de 2025.

PRANDI, Reginaldo. *Religião e sincretismo em Jorge Amado*. [s.d.]. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.companhiadasletras.com.br/sala_professor/pdfs/CL_OuniversodeJorgeAmado_religiaoessincretismo.pdf. Acesso em: 19 de maio de 2025.

ROCHA, Emerson Ferreira. *Resignificações da cosmologia afro-brasileira*. Revista Eletrônica de Ciências Sociais , v. 11, set./dez. 2010 Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17181> Acessado em 28 de abril de 2025.

SANTOS FILHO, Eudaldo Francisco; ALVES, Janaina Bastos. *A construção e difusão do conhecimento por meio de contos africanos: uma tradição oral sobre a cosmologia iorubá*. Revista História & Ensino , v. 0, pág. 1-15, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8653745/22655> . Acesso em: 28 de abril de 2025.